

ADOÇÃO TARDIA A PARTIR DA MÃE POR ADOÇÃO

Ronny Kurashiki Oliveira*

Verônica Suzuki Kemmelmeier

Introdução

Ao pensarmos sobre o significado da palavra maternidade, vemos que o dicionário a define como “*qualidade ou condição de mãe*” (FERREIRA, 1986). A partir dessa premissa, podemos inferir que a sociedade contemporânea atribui mais ênfase no que diz respeito à “qualidade de mãe”, ou seja, aquela que pariu uma criança, do que a “condição de mãe”, aquela que parindo ou não, dá todo o apoio que a criança necessita. Esse pensamento enraizado no senso comum contribui para o surgimento de muitos mitos sobre a maternidade. Porém, o que podemos notar é que assim como afirma Badinter (1985), o amor materno não é inerente às mulheres, não está necessariamente ligado ao processo da gravidez em si, pois esse amor, essa sensação de sentir-se mãe de um filho irá ser construída e cultivada como em qualquer outra relação, sendo portanto, configurado segundo a cultura da mãe, suas ambições e frustrações.

A autora entende ainda que esse mito do amor materno surge por volta de 1760, se mantendo vivo no decorrer dos mais de duzentos anos que o sucederam. O mito coloca tal sentimento como sendo espontâneo de cada mãe, havendo então uma “*exaltação do amor materno como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e à sociedade*” (BADINTER, 1985).

Uma vez que a maternidade não se dá de forma “inata” e sim de forma social, na relação entre mãe e filho, podemos entender que um estudo que vise compreender essa maternidade na adoção deve partir não apenas da chegada da criança ao lar adotivo, mas sim de um ponto anterior, onde realmente começa essa relação, ou seja, na idealização desse filho. E o que se percebe é que a mãe adotiva passa por esse processo, já que ao estar na fila de espera para a adoção, fantasia sobre seu filho tanto quanto uma mãe biológica na gestação, ou até mais, pois a “gestação” da fila de espera não tem data pré-determinada para acabar, podendo ultrapassar os nove meses de uma gestação biológica comum (HUBER; SIQUEIRA, 2010).

Acerca da adoção, vemos surgir um movimento contemporâneo que Costa e Rossetti-Ferreira (2007) denominam *cultura de adoção*, onde se pode notar uma mudança significativa na configuração deste processo, pois o que há nos dias atuais é uma busca por “*famílias para as*

crianças e não crianças para as famílias” (p. 425). Tal movimento nos faz refletir sobre os princípios dessa temática, e então podemos recorrer a autores que embora tenham escrito suas obras em um tempo um pouco mais distante, continuam contemporâneos no que tange aos conceitos elaborados, assim como a questão levantada por Winnicott (1954), em que ele condena a adoção como forma de tratamento para os pais, sendo que hoje percebemos que o foco principal deve estar sempre voltado para o melhor interesse da criança (COSTA; ROSSETI-FERREIRA, 2007).

Essa nova cultura coloca em evidência o assunto adoção, porém o que se percebe é que há no Brasil a necessidade de realização de mais estudos que levem em consideração os aspectos psicológicos envolvidos no processo, pois pesquisas nessa direção sofrem de grande carência, como afirma Hutz (2002). E sabemos ainda que este tema é ponto de partida para diversas discussões, e assim, devido à amplitude do assunto, a compreensão em sua totalidade torna-se de difícil acesso. Para que possa então ser analisado, se fazem necessárias noções das normas legislativas que circundam o processo e o entendimento sobre o desenvolvimento do ser humano. (WINNICOTT, 1954).

O tema se torna ainda mais complexo à medida que transferimos o foco das adoções chamadas normais para as adoções modernas, denominadas assim por Freire (apud COSTA; ROSSETI-FERREIRA, 2007) como sendo as adoções tardias, de grupos de irmãos, de crianças com necessidades especiais, portadoras do vírus HIV e as adoções inter-raciais. Essa complexidade demanda a necessidade de estudos referentes à maternidade e paternidade, bem como o acompanhamento e assistência durante a construção da parentalidade adotiva (WEBER, 2003).

As diferenças entre as adoções chamadas normais e as modernas são diversas, mas nesse estudo o foco se dará quanto à modalidade de adoção tardia. Nessa modalidade o que ocorre é a adoção de uma criança mais velha, acima de dois anos (VARGAS, 1998), sendo que esse fato implica em uma participação mais ativa da mesma sobre o processo de adoção, negando, aceitando e ainda negociando o que lhe é oferecido pelos adotantes. Retomando que estas atitudes terão influência de sua história pregressa, podendo levar a um processo de adaptação com alguns obstáculos (COSTA; ROSSETI-FERREIRA, 2007).

Ao focar esta modalidade de adoção muitas polêmicas são levantadas sobre o assunto, mas o que se pode perceber é que os discursos que são deferidos ainda são muito sobrecarregados de preconceitos, e isso faz com que se construam barreiras que dificultam uma visão mais clara sobre o processo como um todo. E por isso essa pesquisa vem no sentido de desmistificar algumas questões

que são muito presentes na sociedade contemporânea, com o intuito de aproximar a teoria da prática, pois acredita-se que não há local mais apropriado para se compreender um fenômeno do que onde ele ocorre de fato, bem como considerando o ponto de vista de pessoas que estão diretamente envolvidas com a situação.

Assim, a adoção tardia, que em teoria, de acordo com a revisão bibliográfica, guarda as mesmas potencialidades de qualquer outra modalidade de adoção (BADINTER 1985), poderá ser verificada com as mães adotivas que acompanharam todo o processo de adaptação de seus filhos e puderam explanar sobre como perceberam o processo, bem como quais diferenças e/ou dificuldades apontam como sendo próprias dessa modalidade de adoção que vem se fazendo bastante presente nos dias atuais com o novo movimento pela adoção, e tem proporcionado às crianças consideradas inadotáveis uma possibilidade de reinserção familiar.

Objetivos

A presente pesquisa tem como objetivo principal compreender a vivência da maternidade na adoção tardia, partindo do método de estudo de caso. Vemos ainda que para tanto, buscamos, através dos discursos das mães por adoção, analisar suas percepções sobre a adaptação da criança no lar adotivo, verificando como ela percebe o desenvolvimento da criança na adoção tardia e ainda; explorar os discursos buscando se elas relatam diferenças da adoção tardia para outros tipos de adoção.

Metodologia

Na presente pesquisa foi realizada primeiramente uma revisão bibliográfica, pois este tipo de metodologia possibilita um levantamento do que já se tem sobre o assunto abordado, permitindo ainda realizar uma análise crítica, realizando apontamentos e direcionamentos do que precisa ser abordado, por exemplo, em estudos futuros.

O estudo foi conduzido diante um modelo de pesquisa qualitativa, reafirmando a definição que Neves (1996) concede a este tipo de pesquisa, um dos objetivos é procurar visualizar o contexto, preocupando-se mais com o processo social do que com a estrutura social. Dentro desse contexto de pesquisa qualitativa, Godoy (1995) afirma que há três tipos fundamentais de pesquisas qualitativas: a documental, o estudo de caso e a etnografia. O estudo sobre a maternidade irá ater-se ao tipo específico de estudo de caso, devido a diversos fatores, principalmente ao fato dessa

modalidade proporcionar um ambiente propício a uma análise aprofundada dos relatos obtidos. Ainda segundo Godoy (1995), pode-se notar que o princípio básico de se fazer estudo de caso é pretender “analisar intensivamente uma dada unidade social”, nesse estudo especificamente, a maternidade a partir da adoção tardia. Para tanto, se realizou com as participantes, entrevistas semi-estruturadas, partindo de um roteiro de entrevista e buscando elementos chave no discurso da mãe adotiva que pudessem colaborar na análise.

Participantes

O estudo foi realizado com três participantes, sendo que as mesmas teriam que ter um ou mais filhos adotivos em que na época em que foram adotados tinham dois anos ou mais e; que o processo de adoção já tivesse ocorrido há pelo menos um ano.

Procedimentos

A pesquisa iniciou-se com a montagem de um pré-projeto enviado para o COMEP/Irati – Comitê de ética de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual do Centro-Oeste – contendo todas as informações necessárias para que fosse emitida uma autorização para realização da pesquisa. A pesquisa foi registrada como ofício nº 029/2011 no COMEP/UNICENTRO/I com folha de rosto nº 415583, parecer 021/2011, analisada e aprovada em reunião ordinária no dia 04 de maio de 2011. Somente após esta etapa foi feito o contato prévio com as participantes da pesquisa. Esse contato se fez possível através de pessoas em comum, que conheciam mulheres que se encaixavam no perfil caracterizado anteriormente. Na sequência, foi apresentado para as participantes o TCLE (Termo de Consentimento Livre Esclarecido), que apresenta todos os processos e os objetivos do estudo. Em seguida foram realizadas as entrevistas, bem como a análise, que se deu através da técnica de análise do conteúdo, tendo como referencial teórico Bardin (1977).

Resultados e Discussão

Do material coletado nas entrevistas com as mães se pode retirar informações e elementos essenciais para compreender como se deu a adaptação de seus filhos adotivos, bem como elas perceberam esse processo como um todo. Nesta pesquisa utilizaremos nomes fictícios para resguardar a identidade das entrevistas, usaremos então “Isabel”, “Eliane” e “Joana” para nos

referirmos às mesmas. Para questões de esclarecimentos e contextualização, vemos a seguir algumas perguntas que foram usadas como norteadoras da entrevista:

- O que é maternidade para você?
- Como foi o processo de adaptação do seu filho(a)? Houveram dificuldades?
- Você acha que a sociedade vê diferença entre um filho adotivo e um biológico?

Essas foram perguntas-chave, que dentre outras puderam direcionar quais elementos da história da adoção eram interessantes de serem explorados. Para o tratamento de dados, se utilizou a análise de conteúdo, onde se pode explorar o que está nas entrelinhas do que se fala, como proposto por Bardin (1977). Os dados obtidos foram organizados em categorias para que assim possibilitasse uma melhor compreensão do conteúdo exposto pelas participantes.

Através desta análise foram evidenciadas então quatro categorias analíticas, sendo elas:

- **Significado de maternidade;**
- **Processo de adaptação da criança;**
- **Surgimento do sentimento e reconhecimento da maternidade;**
- **Peculiaridades da Adoção Tardia e indicação da melhor idade para adoção;**

Significado de maternidade

Nesta categoria é abordado um pouco do que foi trazido do que as mães adotivas entrevistadas relatam que é maternidade para elas. Importante ressaltar que pelo fato da região onde a pesquisa foi realizada ter grandes influências religiosas, talvez seja esse o motivo que nos três relatos apareceram elementos com relação à “divindade”.

Assim, temos que nos três relatos o significado de ser mãe vem muito atrelado a certo agradecimento a “Deus”, pois elas relataram acreditar que se essa situação só lhes foi possível porque Ele permitiu. Isso pode ser ilustrado quando uma das mães adotivas, Isabel, coloca a maternidade como sendo uma “benção”, um dom que nem todas as mulheres têm necessariamente, como podemos verificar em sua fala: *“Maternidade eu acho que é um dom, talvez nem todos tenham, (...) pois o ser mãe além de ser uma dádiva é um ato de amor, mesmo dos que são biológicos”* (Isabel, mãe adotiva de quatro crianças, sendo duas adoções tardias).

Esse ponto pode ser reafirmado ainda com a obra “O mito do amor materno” escrito por Badinter (1977), supracitado nesta pesquisa. Ela coloca que na sociedade existe um mito de que toda mulher nasce pronta para ser mãe, e talvez a maternidade seja um “dom socialmente construí-

do” do que uma habilidade inata, onde de acordo com o relato de Isabel, nem todas as mulheres consigam ser mães, nem todas tenham as habilidades ou mesmo vontade de serem mães.

A outra entrevistada, Elaine, coloca, além do agradecimento em relação à Deus, que para ela a maternidade na adoção é como a maternidade biológica, ou seja, os dois caminhos são de afeto pelos filhos e causadores de algumas dificuldades comuns, sendo ainda justificado essa comparação, no fato de que ela mesmo, sem ter “problemas” biológicos, podendo então ter filhos naturais, desde que namorava com seu marido já planejava a adoção.

E Joana, a terceira entrevistada da pesquisa, também expressa a gratidão a Deus por lhe ser possível ser mãe por adoção, mas mais que isso, pode-se verificar em seu discurso que ela caracteriza a maternidade como sendo primordialmente uma construção entre mãe e filho. Assim como as outras, Joana também identifica que para ela a maternidade na adoção é uma relação que deve ser construída mesmo se fossem filhos biológicos, como podemos ver em sua fala: “... *a maternidade, você constrói, sou mãe biológica de três filhos, e quando engravida e tem bebê dentro de você, ele é um ser estranho, e você também tem que se acostumar com a ideia de que você vai ser mãe...*” (Joana, mãe adotiva de uma menina que na época da adoção tinha 16 anos).

No discurso de Joana é possível ir além; ela demonstra que além da construção da relação com o filho inerente à maternidade, seja biológica ou adotiva, a maternidade em si para ela tem um significado de cuidado, seja afetivo ou financeiro. A questão do cuidado afetivo se evidenciou quando ela relata o processo de adoção de sua filha que tinha na instituição de abrigamento mais três irmãos biológicos, pois a sua filha que tomou a iniciativa em ser adotada. Joana coloca que isso ocorreu porque “*chegou num momento em que o abrigo, não... não supria mais as necessidades que ela tinha, as necessidades afetivas. (...) Ela sentia que eu, meu marido e meus filhos estávamos de portas abertas, de coração aberto...*”.

Já a questão do auxílio financeiro fica evidenciado quando ela coloca várias vezes em seu discurso o fato de ser mãe com o apoio que se é necessário dar a esta filha adotiva, principalmente quando ela fala dos sonhos profissionais de sua filha, então ela explana que a menina é sua filha, e ela então vai dar todo o apoio para que os sonhos profissionais dela se realizem.

Fica mais claro a partir das percepções das mães por adoção o que foi citado na introdução deste trabalho, a “condição” de mãe sendo diferente do “estado”, onde os laços sanguíneos podem constituir na mulher a condição de mãe, mas o estado de mãe, esse status que é buscado por essas

mulheres via adoção não depende dos laços sanguíneos.

Processo de adaptação da criança

Dentro desta categoria será explorado o processo como um todo, quais facilidades e/ou dificuldades são relatadas pelas entrevistadas, bem como suas percepções de modo geral acerca do processo como um todo.

Vemos que foi unânime entre as participantes o discurso de que esse processo pode ter dificuldades que talvez numa adoção de uma criança mais nova talvez não surgissem, como vemos nas seguintes falas: “*A adaptação do mais velho, foi mais difícil (...) já tinha um histórico, condutas que tinha no abrigo, foi um pouco difícil de mostrar (...) a nossa realidade, (...) teve um pouco de dificuldade*” (Isabel), “*...hoje eu estou assim, digamos tranquila porque a gente já superou algumas crises internas, normais, que sempre que chega um novo filho essas crises acontecem, mesmo quando chega um bebê...*” (Joana), “*a gente teve dificuldade mais, por conta disso né, você não poder conversa muito, porque tava sempre cheio de gente (...) visitando e, é normal né, assim como se fosse uma criança que nascesse, as pessoas iam visitar, não é?*” (Elaine).

Seja qual for o aspecto que as entrevistadas acabaram relatando como sendo causador dessas dificuldades, todas elas em algum momento da entrevista acabaram evidenciando que houveram dificuldades, mas mais um vez relacionaram com a maternidade biológica, afirmando que essas dificuldades que passaram poderiam ocorrer se seus filhos viessem de forma natural.

E é mais interessante ainda que a última, Elaine, aponta para terceiros quando fala dessas dificuldades, ou seja, além das que podem ter causa na relação mãe-criança, ainda há o aspecto externo que as outras pessoas podem acabar acarretando dificuldades nesses primeiros momentos em que a criança ainda está em processo de adaptação no novo lar. Ela coloca que as visitas frequentes, até por curiosidade das pessoas em conhecerem esse novo membro da família acabou travando a relação inicial com a criança, pois ela relatou a falta de espaço para ter tempo de qualidade com o filho, e chegou a dizer em entrevista que se pudesse aconselhar futuros adotantes, diria para que os mesmos tivessem um tempo retirado de seus lares no começo, a fim de que seja possível ter um maior contato com a criança nesse momento inicial.

Outro aspecto que se fez presente, principalmente no discurso de Isabel, foi a questão biológica. Ela cita que seu filho já veio com alguns problemas, como o hipotireoidismo e isso causou algumas dificuldades também com relação à adaptação dele.

Mas mesmo com tantos aspectos relacionados às dificuldades com relação à adaptação, percebe-se também uma recorrência de termos como “satisfatória”, “boa” e “adequada” quando as entrevistadas vão classificar o processo como um todo. Ou seja, elas colocam explicitamente que existem dificuldades, mas que a maioria delas podem ser “comparadas” às de uma maternidade biológica, e que é possível superar essas dificuldades dentro dessa relação mãe e filho, uma vez que elas entendem que a adaptação satisfatória da criança é muito ligada ao apoio e a convivência familiar que não só elas, mas a família, como um todo, proporciona.

Surgimento do sentimento e reconhecimento da maternidade

Nessa categoria se explora como se deu o surgimento do sentimento materno nas entrevistadas, bem como se teve algum momento específico dentro do processo da adoção em que eles puderam demarcar como sendo ponto de reconhecimento pessoal da maternidade.

Nesse aspecto foi interessante que em dois dos discursos apareceu que o sentimento de ser mãe da criança que estava sendo adotada surgiu antes mesmo da chegada da criança na casa, ou seja, o sentimento surgiu desde o abrigo.

Elaine foi a primeira entrevistada dessa pesquisa, e consequentemente foi a primeira a fazer a afirmação neste sentido, colocando que desde o momento que foi no fórum dar entrada nos papéis o sentimento já surgiu: *“eu já me senti mãe, porque quando a gente já conversa com a assistente social, ela fala que a partir do momento que a gente deixa o nome lá pra adoção, a gente tá grávida (...) Então a gente já se sente mãe daquela criança, que a gente já está esperando”* (Elaine). Isso mostra que para ela o fato de estar na fila de espera já é como se fosse a gravidez e por isso ela se sentia mãe desde que entrou com os documentos necessários.

Nesse sentido, Elaine relata que quando foi conhecer seu filho adotivo no abrigo, foi como o trabalho de parto, até levá-lo para casa e o “nascimento” de seu filho adotivo se deu quando ela o levou para casa. E quando indagada novamente se ela poderia localizar no tempo o momento em que ela se reconheceu enquanto mãe de seu filho ela afirmou: *“Desde antes de conhecer, de vê-lo...”* (Elaine).

No caso de Isabel, ela relata que ela realizou a adoção de quatro filhos por adoção, mas em momentos diferentes, primeiro adotou dois, e depois de um tempo adotou os outros irmãos biológicos. Seu filho por adoção tardia veio nesse segundo momento, por isso ela coloca que quando adotou seus dois primeiros filhos, já se sentiu mãe dos outros: *“... no momento que ele, que a gente co-*

locou junto com os outros irmãos eram todos filhos...”. Esse discurso remonta o que discurso de que o sentimento de maternidade veio mesmo antes de conhecer a fundo a criança, ou seja, que é possível sentir-se mãe da criança mesmo quando ela ainda se encontra dentro do abrigo, ou mesmo quando ainda nem a conhece.

O caso de Joana é mais peculiar, pois ela já havia passado por um processo de apadrinhamento afetivo por oito anos com sua filha adotiva, e por isso então já tinha uma grande convivência com a menina muito antes da adoção. Nesse sentido ela localiza que esse reconhecimento da maternidade se dá na construção da relação com a filha, *“Na verdade foi uma construção, porque (...) eu não teria como precisar um único momento, pra dizer a partir de agora você é minha filha e eu sou sua mãe, é uma relação que foi construída”* (Joana), porém, no decorrer de seu relato ela conseguiu elencar um aspecto que ela julga que foi importante nesta construção. Ela coloca que quando a filha a chamou de mãe a fez sentir-se enquanto tal, mas ela mesma não conseguia verbalizar isso, inclusive por medo de criar expectativas que pudessem ser frustradas futuramente, e a partir do momento que ela conseguiu verbalizar esse sentimento de ser mãe veio o que ela chama de confirmação desse sentimento.

Ela foi a única das três entrevistadas a localizar o reconhecimento da maternidade como pós-adoção, mas ela enfatizou bastante a questão de que esse é um sentimento que só é possível ser sentido quando parte de ambas as partes, onde não seria possível reconhecer-se enquanto mãe sem considerar que esse reconhecimento também partiu de sua filha, que até por ter dezesseis anos na época, se fez ativa no processo como um todo.

Peculiaridades da Adoção Tardia e indicação da melhor idade para adoção

Nesta pesquisa buscou-se também compreender se as mães adotivas viam diferenças da adoção tardia para com as outras modalidades de adoção, e se pudessem indicar a futuros adotantes a “melhor” idade para se adotar uma criança.

Assim vemos que foi unânime também o discurso de que há diferenças na adoção tardia, nenhuma das entrevistadas tentou esconder este fato, mas tentaram enfatizar que essas diferenças nem sempre dizem respeito a dificuldades e ainda que mesmo que se constituam enquanto dificuldades são passíveis de serem trabalhadas e superadas.

No discurso de Elaine ela relata que adotar uma criança mais nova e uma criança mais velha tem muita diferença, e que talvez seu filho tenha trazido alguns traços de sua história pregressa

para sua personalidade hoje, que o fato dele ser mais “fechado” hoje pode ser decorrência da personalidade da mãe biológica, ou mesmo da história que ele teve de cansativas tentativas de reintegração familiar antes da adoção. Seu filho adotivo tem uma irmã biológica que foi adotada junto por Elaine, e ela, quando fala dos dois processos, consegue localizar que teve bastante diferença entre os dois, e ela justifica isso evidenciando que a menina era um bebê e ele já era um pouco mais velho.

O que fica claro neste processo é que seja nos momentos onde Elaine consegue deixar explícito, ou mesmo quando deixa subentendido em seu discurso, é que seu filho foi bastante ativo no processo como um todo, e isso é uma das principais diferenças que ela consegue ver com relação a menina mais nova.

Joana, que adotou a adolescente com dezesseis anos, também coloca que há grandes diferenças na adoção tardia com relação a outras adoções, mas ela enfatiza bastante que essas diferenças seriam mais no cuidado que a criança necessitaria, “cada idade vai trazer um desafio” (Joana). O que foi trazido por ela então é que talvez toda adoção tardia tenha diferença para com as outras modalidades de adoção, porém, além da grande variedade de diferenças que podem surgir, será diferente também o modo como cada adotante irá lidar com elas.

Ela ainda menciona o fato de que ela conseguiu lidar bem com essas diferenças também porque já tinha um contato com o tema da adoção, sempre lia bastante e trabalhou bastante com esses processos. Para ela, isso significa que ela tinha então uma maior consciência do processo da adoção como um todo, e que muitos pais que relatam não conseguirem lidar com tais diferenças, para ela é exatamente por falta de conhecimento, por falta de conhecer o que é adoção e adotarem buscando um filho idealizado: “*vejo que grande parte dos mitos e tabus são provenientes de uma ilusão criada em cima do não conhecimento da realidade. Então, quando você conhece uma realidade você desmitifica. E desmitificando, você vai mudar tua ideia e teu pensamento...*” (Joana).

Explanando agora um pouco sobre o caso de Isabel, se vê que ela também não nega que há diferenças mas, no mesmo sentido que as outras entrevistadas, ela enfatiza bastante a superação das mesmas por meio da convivência familiar: “*Eu vi mais dificuldade com os mais velhos (...) a adaptação foi mais difícil, e eles nos provou muito. (...) Um tempo que é esperado (...), uma forma dele se defender, de dizer que ele queria o espaço dele também.*” (Isabel).

Obtivemos então que nesse sentido as respostas convergiram bastante, inclusive quando indagadas sobre qual idade indicariam para futuros adotantes. Todas discursaram no sentido de que

crianças mais novas talvez sejam mais fáceis de adotar, se adaptar, porém elas enfatizaram muito a idade do casal que pretende adotar, no sentido de que talvez não se possa generalizar qual a melhor idade para se adotar, pois para uns talvez o recém-nascido fosse perfeito, já para outros talvez já não se adequasse à rotina e à família.

Conclusão

Ao abordar esta temática a partir do viés de tentar compreender a relação que se estabelece entre mãe e filho na adoção tardia, pode-se perceber que essa relação é construída, e isso que por vezes pode soar dentro de uma obviedade, é complexo à medida que, ao se realizar a pesquisa, foi evidenciado a presença do mito do amor materno, onde a sociedade acaba por julgar que o sentimento da mãe com relação a um filho biológico, por exemplo, é automático, já nasce com ela, é ‘condição primária’ de toda mulher ter esse sentimento relacionado a um tipo de dom de ser mãe.

É a partir deste mito que o estudo procurou problematizar a situação, e pode verificar que é ainda muito presente essa dicotomia: senso comum e conhecimento “científico” (aqui tomado como conhecimentos construídos através de estudos, com um embasamento teórico), pois o que foi verificado é que existem pré-conceitos e julgamentos que estão enraizados no pensamento do senso comum, a ideia de que nesse processo haverá apenas obstáculos por exemplo, mas que são contraditórios aos aspectos levantados pelas entrevistadas, pois como supracitado, a criança mais velha, dentro desse processo irá ser mais ativa, poderá aceitar, negar e negociar o que lhe for oferecido, porém se essa relação de desenvolver de forma saudável tanto para os adotantes quanto para a criança, então essa adoção se desenvolverá de forma satisfatória.

Este fato é difícil de ser aceito pela sociedade, principalmente porque a sociedade atual ainda é muito ligada e valoriza os laços sanguíneos. Na balança social, o laço sanguíneo ainda tem peso maior do que a relação de cuidado e carinho, ou seja, ainda a maioria das pessoas não olham para o que é melhor para a criança, mas entende-se que o melhor para a criança é sempre manter os laços biológicos com a família de origem.

A partir destas questões pode-se concluir então que, como encontrado na pesquisa, há uma relevante potencialidade no desenvolvimento do bem-estar social relacionado a este processo, e que mesmo ainda havendo obstáculos e questões a serem discutidas e superadas, a sociedade está no início de uma longa caminhada, mas aparentemente no rumo certo, pois o fato de estudos como este

focarem questões tão complexas e ao mesmo tempo tão relevantes, é um exemplo da evidência que o tema vem tomando na sociedade contemporânea.

O que se pode concluir deste trabalho, além destas questões com relação à maternidade, é que o processo em si de adoção tardia tem diferenças significativas com relação às outras modalidades de adoção, porém esses foram obstáculos que puderam ser trabalhados nos casos aqui relatados, e conseqüentemente puderam ser superados, sendo ainda muitas vezes comparados à maternidade biológica, pois em vários momentos as entrevistadas afirmaram que as dificuldades vivenciadas poderiam surgir também na filiação biológica.

Quando essa pesquisa se propõe a perpassar o discurso dessas mães por adoção, desde pensar o que é maternidade para as mesmas, até investigar como se deu o processo de adaptação das crianças, possibilitou uma compreensão bastante ampla sobre como se desenvolve a adoção de uma criança mais velha. Conclui-se que, levando em consideração que os autores colocam sobre o tema, há uma distância talvez não muito grande mas existente entre teoria e prática. O que se tenta evidenciar aqui é que talvez haja uma propensão de na teoria “romantizar” este processo de adoção, apenas colocando os lados bons para que mais e mais crianças sejam adotadas.

Porém há um perigo grande nesse fato, evidenciado inclusive por duas das entrevistas, que quando tenta-se tornar esse processo um romance, ocultando as dificuldades que podem surgir nas entrelinhas para “não assustar” possíveis adotantes, corre-se o risco destes idealizarem demais este processo e esperarem por uma criança ideal, porém, quando entram em contato com a criança real, isso pode frustrar, pode decepcionar, e é possível que se instaure um grande conflito dentro da relação entre mãe e criança.

Por isso entende-se que é pertinente o que os relatos trouxeram de que não se precisa negar que a adoção tardia é diferente da adoção de crianças mais novas, porém que quaisquer que sejam as dificuldades que surjam são passíveis de serem trabalhadas no seio da família, assim como seriam trabalhados os casos de conflitos de uma filiação biológica.

Assim vemos que, apesar dessa pesquisa juntar uma quantidade significativa de referências que versam sobre esta modalidade de adoção, não se pode negar a carência de estudos nesse sentido, e dentre os estudos existentes denotam a abertura de um espaço importante para discussão dessas questões. Pesquisas que considerem não só indivíduos, mas também os aspectos psicológicos e a relação entre os mesmos podem contribuir e muito para a que se tenha uma compreensão ampla da forma como esse vínculo é construído, e ainda contribuir significativamente para a prática

profissional relacionada com o tema, onde os profissionais poderão agir de forma a auxiliar o desenvolvimento de uma adoção bem-sucedida.

Procurou-se com essa pesquisa incentivar pessoas e pesquisadores a envolverem-se com essa temática, a se interessarem pelo assunto e ainda que se comprometam cada vez mais com os aspectos aqui apresentados, para que consequentemente tenhamos um maior foco no que é o melhor para a criança, para que ela se desenvolva da melhor forma possível gozando de seu direito previsto por lei que é a convivência em família substituta na impossibilidade de permanecer em sua família de origem, seja qual for sua idade (BRASIL, 1990).

Referências

Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Portugal: Lisboa.

Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF. Recuperado em 12 de maio de 2012, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm.

Costa, N. R. A; Rosseti-Ferreira, M. C. (2007, Setembro). *Tornar-se pai e mãe em um processo de Adoção Tardia*. *Psicologia Reflexão e Crítica*. 20 (3).

Ferreira, A. B. H. (1986). *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Godoy, A. S. (1995, Maio/Junho) Estudo de caso, In Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, 35 (3), p. 25-27.

Huber, M. Z; siqueira, A. C. (2010). *Pais por adoção: a adoção na perspectiva dos casais em fila de espera*. Rio Grande do Sul: Centro Universitário Franciscano.

Hutz, C. S. (2002). *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Neves, J. L. (1996, Setembro). Pesquisa Qualitativa. *Características, usos e possibilidades*, In *Cadernos de Pesquisas em Administração*, 1 (3). São Paulo.

Vargas, M. M. (1998). *Adoção Tardia: Da família sonhada à família possível*. 1ª edição. São Paulo: Casa do psicólogo.

Weber, L. D. N. (2003). *Aspectos psicológicos da adoção*. 2ª edição. Curitiba: Juruá.

Winnicott, D. W. (1954) *Dos niños adoptados* In *Winnicott – Obras completas*. Recuperado em 20 de março de 2011, de <http://downloads.ziddu.com/downloadfile/1051724/ocwinnicott.zip.html>.